



Na pista das origens do método clínico: seguindo Piaget de Neuchâtel a Paris

Tracking the origins of the clinical method: following Piaget from Neuchâtel to Paris

André Elias Morelli Ribeiro¹
Universidade Federal Fluminense

Leonardo Lemos de Souza
Universidade Estadual Paulista
Brasil

Resumo

O método clínico piagetiano apresentou-se como uma nova forma de conduzir pesquisas experimentais com crianças no estudo da inteligência. Para investigar suas origens, conduziu-se um resgate histórico desde a adolescência de Piaget, passando pelos seus dias em Zurique até sua temporada na Salpêtrière, visando a resgatar as múltiplas condições de produção do método piagetiano, confrontando os dados biográficos, bibliográficos, autobiográficos e fontes primárias. Ao fim, é proposto um modelo de entendimento de como este autor produziu sua metodologia, fundamentado em três hipóteses que se complementam, a saber, o contato com o teste de Burt, a metodologia piagetiana de pesquisa em malacologia e o método psiquiátrico francês. Conclui-se que o método não é tributário efetivamente de nenhum modelo isoladamente, mas se constitui na assimilação de ideias e acomodações da prática, o que aproxima a origem do método à Teoria da Equilibração, colocando o método clínico como uma espécie de autobiografia intelectual.

Palavras-chave: história da psicologia - século XX; Piaget, Jean William Fritz, 1896-1980; provas piagetianas.

Abstract

Piaget's clinical method emerged as a new way to conduct experimental research with children in the study of intelligence. To investigate its origins, a historical rescue was conducted from Piaget's adolescence, going through his days in Zurich until his days in Salpêtrière, aiming to rescue the multiple conditions of the production of the Piagetian method, by confronting biographical, bibliographic, autobiographical data and primary sources. In the end, a model of understanding on how Piaget produced his methodology is proposed, based on three complementary hypotheses: The contact with the Burt's test, the Piagetian methodology of research in malacology, and the French psychiatric method. The conclusion is that the method is not effectively tributary to any single model, but constitutes the assimilation of ideas and accommodation of practices, which brings the origin of the method closer to the

¹ Financiamento: CAPES-Prodoutoral e Fondation Jean Piaget. Agradecimentos à Profa. Dra. Sílvia Parrat-Dayán, ao Prof. Dr. Marc Ratcliff, à Universidade de Genebra e à Universidade Federal do Amapá.



Theory of Equilibration, placing the clinical method as a kind of intellectual autobiography.

Keywords: History of Psychology - XXth Century; Piaget, Jean William Fritz, 1896-1980; Piagetian tasks.

Introdução

No início do século XX, o movimento de testagem psicológica aparentemente havia encontrado o sucesso na sua segunda geração de pesquisadores. Os métodos de Galton e Cattell, no interesse de uma psicologia diferencial, acabaram “derrotados” por uma nova abordagem na investigação experimental da inteligência desenvolvida na França por Binet e Simon (Castro, Castro, Josephson & Jacó-Vilela, 2013).

O sucesso de Binet e Simon rompeu as fronteiras de seu país natal e versões de sua escala floresceram em várias partes do mundo. Na Inglaterra, Cyril Burt utilizou de várias das tarefas francesas para o desenvolvimento de seu próprio teste, fundamentado numa psicologia experimental derivada de técnicas da psicologia diferencial.

A psicologia experimental visa derivar leis objetivas gerais sobre qualquer sujeito por meio da investigação de variáveis objetivas independentes, ou seja, componentes situacionais que podem influenciar o comportamento dos sujeitos (Ribaupierre & Pascual-Leone, 1984). O método é, portanto, caracterizado por variações sistemáticas, a fim de revelar, de fato e em teoria, fatores relevantes (que afetam o comportamento do sujeito) e excluir os fatores irrelevantes. O método de análise próprio da psicologia experimental é a análise de variância (Ribaupierre & Pascual-Leone, 1984), que estava incluída nas análises de Burt, mas que não participariam de uma psicologia diferencial (Ribaupierre & Pascual-Leone, 1984).

Em sua busca por uma psicologia experimental adequada à sua perspectiva de análise e interesse, presentes desde sua obra de adolescência (Piaget, 1918), Piaget fez um trajeto, desde sua cidade natal Neuchâtel, passando por Zurique, até chegar a Paris, onde conheceu tanto a psicologia de Binet quanto o teste de Burt. Neste último, travou contato com o *test* do britânico. A palavra *test*, no idioma francês, refere-se aos itens de uma avaliação psicológica baseada na proposição de questões para o sujeito respondente. O teste de Burt era uma escala psicométrica padronizada, um teste psicológico de inteligência (Chartier, 2018).

Mas para a ainda inexistente e nascente psicologia genética, o método não é o de análise de variância, mas o hipotético-dedutivo. Nesse método as variáveis



independentes são os tipos de situações e as classes de idade dos sujeitos, enquanto as variáveis dependentes seriam as características do momento do desenvolvimento, inferidas a partir dos padrões de desempenho nas provas, ou em francês *épreuves*, que são pequenos problemas propostos pelo avaliador para observar o funcionamento cognitivo dos sujeitos (Chartier, 2018).

O presente trabalho segue as pistas históricas desde a formação básica de Piaget até o fim de seus dias em Paris para mostrar os modos de apropriação e transformação que Piaget se utilizou para converter os *tests* e outros métodos que se apresentaram no caminho até as *épreuves* que servirão de base para a construção do método clínico. Por fim, o trabalho também se propõe a apontar elementos para compreensão do processo de formação do método clínico e das teorias de Piaget.

O método utilizado combina fontes primárias e secundárias. As seções "O interesse pela psicologia", "Piaget em Zurique" e "Piaget em Paris" valem-se de fontes secundárias e da autobiografia do autor pesquisado (Piaget, 1980/1976) para destacar os elementos de sua formação que reaparecem na formulação de seu método, interpretação dos dados e formulação de teorias no início dos anos 1920, com destaque para a adesão de Piaget ao evolucionismo lamarckista, à lógica formal francesa, ao problema epistemológico da realidade e à experimentação como método fundamental de investigação. Ademais, o contato com diferentes ambientes e abordagens de pesquisa também são relevantes e destacados ao longo do texto, incluindo a zoologia, os laboratórios de psicologia de Zurique e Paris e a psiquiatria, sem desconsiderar a psicanálise. Neste ponto, o trabalho segue as pistas oferecidas pelo próprio Piaget, além das considerações de Ducret (1990).

A partir da seção "Materiais e métodos", passando pelas seções "Primeiro período: formação em Paris" e "Segundo período: a explosão criativa", vale-se principalmente de fontes primárias coletadas em Genebra, já exploradas e classificadas por Ribeiro (2018), mas com novas informações. Contudo, elementos da bibliografia publicada por Piaget nos anos 1920 também são trazidos para permitir comparações.

Após uma descrição detalhada das fontes primárias, elas são analisadas a partir de quatro hipóteses que ajudam a compreender a origem do método clínico piagetiano. A primeira é a influência que o trabalho de Burt (1919) teve em sua maneira de formular os problemas que utilizava na condução entrevistas; a segunda é a relevância da entrevista psiquiátrica na condução das entrevistas, a terceira é a observação, conforme metodologia empregada na biologia, para a anotação dos dados e no modo de conduzir as entrevistas; e a quarta é a



relevância da abordagem de Binet com crianças para a formulação de hipóteses por parte de Piaget, além da interpretação e comparação dos dados obtidos por meio das técnicas empregadas.

O trabalho abrange uma série de elementos relevantes que concorrem para a formação inicial do método clínico e, apesar dessa amplitude, não esgota a questão. A proposição final, encontrada na seção “Considerações finais” articula a própria teoria piagetiana de equilíbrio com sua história para afastar definitivamente a hipótese de uma ou poucas influências decisivas na formação do pensamento e método piagetiano, incorporando na análise histórica interpretações de Castorina e Baquero (2009) sobre a metapsicologia de Piaget.

O interesse pela psicologia

Foi em sua cidade natal, Neuchâtel, que Piaget iniciou seus estudos em psicologia. Ele ainda era um adolescente quando estudou o assunto, tanto com Arnold Reymond – professor em Neuchâtel e seu mentor por muitos anos - quanto com Pierre Bovet na associação *Amies de la nature*. Tais estudos foram na mesma época que Piaget fez as leituras sobre Bergson e o *élan vital* que tanto o influenciou, além de ser o momento de tantas outras cenas importantes para sua futura formação e posicionamento, como a adesão ao evolucionismo lamarckista e a posições da lógica de Lalande, Brunschvicg e Meyerson. Contudo, com tantas preocupações concomitantes à psicologia, esta foi inicialmente deixada de lado.

Evidência disto é sua dedicação inicial à malacologia, ou seja, ao estudo dos moluscos do cantão de Valais, na sua Suíça natal. Obteve o doutorado neste assunto em 1918 quando, logo em sequência, decidiu estudar psicologia. Reymond desaconselhava a escolha do pupilo, ainda que tivesse desempenhado um importante papel no interesse de Piaget na então nascente disciplina. É que foi Reymond quem o convenceu de que o problema da realidade é o mesmo tanto na biologia como na lógica (Kesselring, 1993), de modo que as ações dos seres vivos admitiam, desta forma, uma mesma organização de natureza lógica (Piaget, 1980/1976). Pensando em termos de epistemologia, isso pareceu ao jovem Jean Piaget que ali poderia ser traçada uma linha de pesquisa que conciliaria as duas áreas, unificando a epistemologia, uma área da filosofia, com o método científico advindo da biologia. Ademais, surgia na cabeça de Piaget um dos problemas filosóficos e da biologia mais importantes, que levou por toda a carreira, mas que foi decisivo no início, qual seja, as relações da parte e todo (Piaget, 1980/1976):



Assim me convenci de que havia encontrado a solução. Ali, enfim, estava a união íntima com que sonhara entre a Biologia e a Filosofia, um acesso à Epistemologia que me pareceu, então, realmente científico. [...] Minha solução foi muito simples: em todos os campos da vida (organização mental e social) existem "totalidades" qualitativamente distintas de suas partes e impostas a elas por organização (Piaget, 1980/1976, p.132).

Convicto que era, desde então, da necessidade de experimentação para poder fazer qualquer tipo de afirmação, um hábito próprio da formação que recebera em Neuchâtel (Ducret, 1990), não era possível a Piaget permanecer com estas ideias sem ao menos tentar submetê-las à prova experimental. Para estudar essa epistemologia de modo experimental, seria necessário um laboratório de psicologia, algo indisponível na cidade onde morava. Era indispensável aplicar a metodologia da biologia ou, nas palavras de Piaget, "os hábitos mentais no contato com a zoologia" (Piaget, 1980/1976, p. 133) para estudar o problema da epistemologia. Como não conhecia nada do trabalho prático em psicologia experimental, partiu para Zurique interessado em aprender um pouco mais sobre aquela que seria a área de pesquisa de toda a sua vida.

Piaget em Zurique

Piaget parte para Zurique em 1918, já doutor e com 22 anos. Na cidade, teve a oportunidade de estudar psicologia e psicanálise. Foi nos espaços institucionais de Zurique onde fundiu os hábitos mentais que trouxe da zoologia com métodos da experimentação psicológica (Piaget, 1980/1976), conforme planejara antes de sua ida.

Contudo, conforme Piaget (1980/1976), o primeiro trabalho em psicologia experimental que pôde participar aconteceu nos laboratórios de Lipps e de Wreschner. Infelizmente esta é uma das fases mais obscuras da vida de Piaget, e sobre ela não existem muitas informações nem fontes. Assim, o que temos, principalmente, são as lembranças contraditórias que seus mestres de Zurique evocaram em sua memória, já décadas depois, enquanto escrevia sua autobiografia (Piaget, 1980/1976). E nela, Piaget diz:

Senti imediatamente que ali estava o meu caminho e que, utilizando em experimentação psicológica os hábitos mentais que adquirira na Zoologia, talvez eu pudesse ter êxito em resolver problemas de estruturas-do-todo aos quais fui levado pelo meu pensamento filosófico. Mas, para dizer a verdade, senti-me meio perdido no início. As experiências de Lipps e Wreschner me pareciam ter pouca conexão com problemas fundamentais (Piaget, 1980/1976, p. 134).



Ducret (1990) acrescenta – sem mencionar suas fontes – que Piaget aprendeu ali métodos de pesquisa de base estatística, o que estaria bastante de acordo com sua tese de doutorado e seus estudos sobre lógica. Tendo em vista que o título de uma das obras de Wreschner, um dos diretores do laboratório com quem trabalhou, é “A fala das crianças” (Wreschner, 1912), é razoável supor que tenha sido pela inspiração destes métodos estatísticos que Piaget desenvolveu a metodologia de pesquisa de alguns dos seus primeiros trabalhos como, por exemplo, o método de coleta e organização estatística das falas da criança presente em *A Linguagem e o Pensamento da Criança* (Piaget, 1989/1923). Contudo, a metodologia de Zurique não era capaz de tocar as categorias de análise pretendidas pelo pensamento piagetiano (Piaget, 1980/1976), de modo que foram progressivamente abandonadas.

Deste período, a influência de Bleuler parece ser mais importante que a experimentação, pois foi em sua clínica que Piaget teve contato com a psiquiatria, o que pode ter despertado seu interesse no trabalho clínico e diagnóstico. Foi com Bleuler também que o familiarizou com alguns métodos da psiquiatria (Delval, 2002), ainda que no modelo germânico, diferente do utilizado no mundo francófono. É possível que modelos psiquiátricos de avaliação e diagnóstico da época tenham parecido mais próximo dos problemas que se propunha, pois mais abertos, enquanto a psicologia ainda estava bastante voltada para os métodos psicométricos mais estritos, parte dos embates da área por seu reconhecimento de cientificidade.

A psicanálise também foi relevante para Piaget. Em Zurique, o genebrino assistiu algumas conferências de Jung, que na época era assistente na Clínica Burghölzli, e se empolgou com a abordagem (Kesselring, 1993). Um de seus primeiros trabalhos em psicologia foi fundamentado na psicanálise, e sobre o assunto também ofereceu um curso quando esteve em Paris, a pedido de Simon (Ducret, 1990). Inspirado na psicanálise, Piaget também investigou a noção de autismo, diferenciando no início de sua carreira o autismo (nível simbólico) da lógica (Harris, 1997), apesar de abandonar o conceito em favor do conceito de egocentrismo, muito mais interessante e afeito à sua obra e seu pensamento.

Ainda na parte germânica da Suíça, Piaget teve também a oportunidade de se aproximar do pastor e psicanalista Oskar Pfister, com quem discutiu a neurose de sua mãe, além da análise que fez com Sabina Spielrein (Ducret, 1990). Mesmo com bons encontros e contatos, a verdade é que Piaget não saiu inteiramente satisfeito com a experiência suíço-germânica, e relata em sua autobiografia que sua vivência desta época mostraram os perigos de um “autismo” próprio daquele ambiente intelectual, coisa que preferia evitar (Piaget, 1980/1976).



Por autismo, ele estava se referindo ao modo de trabalho da psicanálise, avessa ao experimento e mais interessada, metodologicamente, em descrições de casos e análises clínicas, algo incompatível com seu pensamento experimental genebrino. Uma breve consulta em seu caderno de anotações do período, disponível nos *Archives Piaget*, em Genebra, mostra seu interesse nestas aulas: três páginas de anotações sobre casos, aparentemente durante uma visita ao hospital, e várias sobre exercícios de inglês. A psicanálise não parecia ocupar um interesse maior ou central nesse momento.

Olhando para o outro lado da moeda metodológica, o experimental, Piaget não gostava do modelo que aprendia em Zurique, e logo viu que precisaria de novos ares. Foi ali mesmo onde Pfister o introduziu no movimento francês de avaliação psicológica infantil, iniciado por Binet e Simon (Ducret, 1990), que o levou a mudar-se para Paris em busca de novas perspectivas.

Piaget em Paris

Na cidade-luz, Piaget estudou na Sorbonne, onde passou dois anos, num ciclo iniciado em 1919. Nesta instituição ele fez o curso de Dumas em Psicologia Patológica, com quem afirma ter aprendido entrevistar pacientes psiquiátricos, atuando no hospital Sainte-Anne (Piaget, 1980/1976), talvez um reforço ou um contraponto ao que aprendera em Zurique. Foi neste hospital que Piaget recebeu a seguinte orientação de Delacroix, outro professor de psicopatologia: "*Variez vos épreuves*" (Harris, 1997) – varie suas provas –, conselho que ele executou várias vezes, ao menos no início de sua carreira (Ribeiro, 2018).

Ademais, Piaget também estudou psicologia nos cursos ministrados por Piéron, que estava ocupando o cargo de diretor do laboratório de psicologia experimental na Sorbonne, posição que fora de Binet (Carroy, 2013). O mestre, naquele momento, desenvolvia uma psicologia experimental combinada com observações clínicas em hospitais (Poirier, Clarac, Barbara & Brousselle, 2012). Não fica claro se Piéron teve muita importância no pensamento piagetiano, mas ele faz uma avaliação positiva dos métodos de Piaget em artigos publicados nos anos 1930 (Parrat-Dayan, 2008).

Além dos estudos em psicologia, Piaget também estudou lógica e filosofia da ciência com Lalande e Brunshvicg, dois de seus já conhecidos mestres, até então apenas por livros. Alguns autores, como Kesselring (1993) e Ducret (2010), afirmam que Brunshvicg teve enorme influência em Piaget por conta de seu método histórico-crítico, algo confirmado pelo próprio Piaget em sua autobiografia (1980/1976). Neste ponto, vale uma breve digressão.



Ducret (1990) faz uma análise do método de Brunshvicg, a partir de uma obra publicada em 1912. Ali, este propõe uma investigação das etapas do pensamento matemático no indivíduo. Na obra, por meio de muita especulação filosófica, Brunshvicg imagina a forma como a criança compreende as noções da matemática ao longo de seu desenvolvimento, numa proposta progressiva e coerente com o desenvolvimento histórico da própria matemática, e convoca pesquisadores a se debruçarem sobre o problema, o que certamente tem uma notável semelhança com as propostas de Piaget.

Na obra, o matemático também defendia uma análise histórica da ciência para mostrar um paralelo entre a percepção coletiva dos fenômenos científicos e o modo como cada momento histórico entendeu o funcionamento da causalidade (Ducret, 1990). Brunshvicg propôs o que parece ser um tipo de teoria da recapitulação da história da matemática na mente infantil, de modo que as etapas da história da aritmética e da geometria estariam expressas na produção espontânea da criança, mas que se propagariam na sociedade por meio da razão e da experiência combinadas, o que tem notável semelhança com algumas das ideias mais tardias de Piaget, e que talvez não sejam assim tão tardias em sua mente, mas apenas pediam um método adequado para investigação.

Contudo, como lembra o próprio Brunshvicg (Ducret, 1990), tudo se limitava a um amontoado de ideias que só poderiam ser provadas ou descartadas com investigações no campo da psicologia experimental. Piaget comunicou ao seu mestre algumas de suas descobertas no campo da psicologia (Piaget, 1921), e muito provavelmente tinha suas ideias no horizonte de hipóteses e formulações, ainda por cima combinadas com a questão parte/todo. Ademais, conforme afirma Ducret (1990), os resultados de Piaget tiveram influência na obra do próprio Brunshvicg.

Retomando, no campo da psicologia experimental Piaget também estudou aquilo que representava a grande novidade e glória da psicologia francesa, a escala de inteligência de Binet e Simon, e foi no laboratório do segundo, indicado por Bovet, que Piaget teve sua experiência em psicologia experimental mais significativa, qual seja, o trabalho no laboratório na escola da rua la Grange-aux-Belles.

Este laboratório foi inaugurado em outubro de 1905 por Binet, num local onde já funcionava uma escola primária, em um contexto de crescente preocupação com as crianças que eram consideradas "fisicamente e psicologicamente inferiores" (Ouvrier-Bonnaz, 2011). O ambiente da época congregou forças políticas da terceira república francesa com o interesse da formação escolar, tendo em vista



principalmente a chegada de imigrantes no país, mas também o que se considerava o problema das “crianças anormais”.

O papel deste laboratório, na historiografia, está claro e perfeitamente inserido na questão escolar e de avaliação das crianças francesas. No ano de criação do espaço, Binet já havia recebido a encomenda do Ministério da Instrução Pública da França para criar uma escala da inteligência, e no local foram feitos vários dos experimentos que estão na base da escala Binet-Simon (Ouvrier-Bonnaz, 2011). Contudo, na ocasião em que Piaget chega no espaço, sem muito entusiasmo inicial, Simon não estava presente, mas usando outro laboratório em Rouen, o que deixava o suíço sozinho: “Ali estava eu, como meu próprio mestre, com uma escola inteira à minha disposição — inesperadas condições de trabalho!” (Piaget, 1980/1976, p.135).

Ser o próprio mestre, contudo, não significou ausência de objetivos, pois Piaget celebra, em sua autobiografia (Piaget, 1980/1976) a oportunidade de conduzir seus próprios testes, provas e observações. Simon solicitou a Piaget que participasse da padronização francesa do teste de Cyril Burt, um psicólogo britânico envolvido na avaliação psicológica da inteligência de crianças em Londres (Piaget, 1980/1976). Apesar da carência de fontes sobre a proposta, ela provavelmente envolvia a tradução do texto do inglês para o francês e sua aplicação em escala, com vistas a atingir padronização textual e resultados estatísticos confiáveis e fidedignos. Piaget, com sua experiência em Zurique e seus conhecimentos na área da estatística, certamente era apto para a tarefa.

Até este ponto, a maioria das informações sobre a vida de Piaget foram coletadas em sua autobiografia, relatos ou em sua obra publicada. Contudo, o trabalho experimental em psicologia realizado por Piaget em Paris pode ser estudado por fontes adicionais, primárias, que são os protocolos de pesquisa, produzidos entre 1920 e 1922. Em outras palavras, é possível uma nova abordagem na investigação do trabalho de Piaget com o teste de Burt, bem como a partir de outros testes e outras abordagens de avaliação psicológica, com as quais Piaget se envolveu no período. A seção a seguir apresenta este material, sua forma de coleta e estudo, e as seções subsequentes apresentam os resultados desta investigação.

Materiais e métodos

Foi em 2012 que os herdeiros de Piaget doaram para os *Archives Jean Piaget*, ligada à Universidade de Genebra, o patrimônio científico que o pai deixara em sua casa na comuna de Veyrier, em Genebra. No local Piaget desenvolveu muito de



seu trabalho, bem como armazenou muitos de seus materiais, como anotações, livros, papéis e documentos em geral. Tratava-se de um espaço cujo material armazenado é de extraordinário interesse histórico e científico, e que passara para a administração de uma instituição fundada em 1974 por Bärbel Inhelder, uma das mais importantes colaboradoras de Piaget. Nos *Archives* já se encontravam, antes da doação, grande quantidade de material de pesquisa, tanto primário como secundário, e dali saíram vários trabalhos que ajudam a entender a vultuosa obra de Jean Piaget, com destaque para a atuação decisiva da Dra. Silvia Parrat-Dayan na direção da instituição. Com a doação dos documentos, uma nova era de estudos começou, com materiais inéditos e não vistos por praticamente ninguém ao longo de décadas.

Com o apoio do *Fonds National Suisse* (SNF), sob a rubrica de "*Trente Glorieuses de Jean Piaget*", foi possível a criação de uma equipe que se deslocou até o local para promover a organização e catalogação de todo este acervo, com destaque para o Dr. Marc Ratcliff e o Dr. Jeremy Burman (Ratcliff & Burman, 2015).

A quantidade de materiais encontrados no local foi gigantesca, e o trabalho se mostrou muito mais complexo do que se imaginou de início (Ratcliff & Burman, 2015). Praticamente todos os cômodos da casa continham materiais, e ali se encontrava até mesmo de contas de gás datadas de décadas. A conservação do material executada pela família foi eficaz, pois espalhou-se pela casa muitos produtos contra roedores e insetos para evitar a deterioração dos documentos (Ratcliff & Burman, 2015).

A análise inicial dos diversos documentos aconteceu dentro do seu espaço original e ao longo do tempo. O primeiro foi o esforço de organização de Piaget, que montou pastas e caixas de documentos onde via certa conexão e lógica (sobre a criatividade em Piaget e seus processos criativos, cf. Vasconcelos, 2001), mas um segundo também aconteceu: o filho de Piaget, Laurent, por um período, tentou organizar a obra e os papéis do pai, e modificou a organização original legada por Piaget, o que se converteu em um enorme problema (Ratcliff & Burman, 2015).

Para poder fazer o trabalho de restauração tanto da organização do material como da catalogação de tudo o que foi encontrado, tomou-se o seguinte procedimento: tudo foi fotografado, para que se registrasse a localização geográfica original dos documentos, e a catalogação dos papéis e objetos considerou tanto o local – incluindo o cômodo, o móvel, a caixa, pasta ou outro artefato utilizado para armazenamento – quanto o tipo, a data, entre outras informações arquivísticas (Ratcliff & Burman, 2015). Desta feita seria possível investigar o processo criativo e de organização de Piaget, bem como a análise documental histórica e científica destes documentos.



Desta feita, todo o material encontrado pela equipe e que fazia parte da doação da família Piaget foi catalogado, alocado em envelopes e caixas e levados para os *Archives Jean Piaget*, cuja sede fica na UniMail, um dos campi da Universidade de Genebra. Este trabalho exigiu mais de cinquenta visitas à *villa* entre o verão de 2012 e de 2015, totalizando mais de 70 mil documentos (Ratcliff & Burman, 2015).

Para realização da presente pesquisa foram feitas duas visitas a Genebra, uma entre novembro e dezembro de 2016, com recursos próprios, e outra entre novembro de 2017 e janeiro de 2018, com recursos da *Fondation Jean Piaget*. Nas duas visitas foram fotografados 186 documentos diferentes, o que gerou 387 imagens. Dos 186 documentos, 181 eram protocolos de pesquisa de Piaget produzidos entre 1920 e 1922 em diferentes locais, e são estes os documentos de interesse para o presente. Tais protocolos de pesquisa incluem entrevistas psicológicas e métodos avaliação clínica de Piaget, realizados em diferentes instituições e momentos de sua formação e atuação, tanto em Paris quanto em Genebra.

Estes protocolos de pesquisa são registros manuscritos de entrevistas e testes psicológicos realizados por Piaget em Paris e em Genebra. Foram utilizados, contudo, apenas os documentos de Paris. O material, apesar de certa diversidade, guarda características semelhantes. Todas mostram pistas e vestígios do aprendizado de Piaget em lidar clinicamente com crianças e adolescentes utilizando uma combinação de métodos próprios, de psicologia experimental correntes à época e de psiquiatria. As diversidades referem-se principalmente ao local onde as pesquisas foram realizadas, os métodos aplicados, as características das diferentes crianças e o momento do pensamento piagetiano.

Apesar do excelente estado de conservação do material, o trabalho de análise dos que foram denominados protocolos mostrou-se bastante difícil, com quatro obstáculos principais. O primeiro é o idioma, pois tudo foi escrito em francês. O segundo é o fato de tratar-se de material manuscrito, e por vezes é muito difícil entender o que Piaget escreveu. O terceiro é o modo de escrita próprio de situação de teste e avaliação, frequentemente rápido e apressado, cheio de abreviações e desenhos cujo sentido nem sempre é possível recuperar totalmente. O quarto é a falta de conhecimentos sobre algumas das situações de teste, como local e pessoa entrevistada. Estes problemas todos foram contornados com o treinamento no idioma, treinamento em leitura de manuscritos – que contou com a colaboração do Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes, da Unesp de Assis, e do Dr. Marc Ratcliff, já citado - e estudos em história da psicologia.



A quantidade de informações é enorme. Atualmente, oito protocolos foram integralmente transcritos, outros sete foram parcialmente transcritos, e muitos outros ainda estão passando por tal processo. Este procedimento permitirá uma análise qualitativa dos protocolos, a ser divulgada futuramente. Por ora, serão apresentados apenas fragmentos transcritos e traduzidos dos protocolos, e dados de natureza estatística. Os dados estatísticos gerais e a classificação cronológica das informações seguem as orientações e proposições de Ribeiro (2018), que apresentou tese de doutorado sobre o assunto, com uma análise exaustiva destas fontes.

Para tratar dos dados disponíveis de forma ampla e geral que o método quantitativo permite, todos os documentos foram lidos com o objetivo de identificar seguintes itens de cada protocolo produzido em Paris: classificação conforme sistema dos *Archives Jean Piaget*, quantidade de páginas, informações disponíveis do sujeito (às vezes mais de um), provas realizadas (mesclando nomenclatura própria com a proposta pelos originais e nas obras posteriores de Piaget), um resumo do conteúdo (o que implicou numa leitura mais geral, observando o teor mais evidente), e elementos que chamavam a atenção ou diferenciavam aquele protocolo dos outros (característica que pode variar bastante, como marcas coloridas ou comentários sobre a situação de testagem).

Primeiro período: formação em Paris

Dos 12 protocolos do primeiro período, que vai de janeiro a setembro de 1920, quatro estão identificados como "Paris X" pelo próprio Piaget no alto da página, dois destes foram executados com a mesma criança. Esta denominação deve se referir ao 10^o *arrondissement*, ou 10^a região administrativa de Paris, local onde ficava o laboratório dirigido por Simon. Os outros protocolos não têm identificação clara de local de criação, mas por conta de suas características, como a forma como o protocolo é organizado, semelhante aos que tem identificação de local, o tipo de papel, a ausência de cabeçalho e a data anotada, e que são consistentes com documentos do período de trabalho no laboratório da rua de la Grange-aux-Belles, foram classificados no escopo desta pesquisa como feitas em Paris no laboratório dirigido por Simon.

Este é o momento em que Piaget está trabalhando com o teste de Burt, e por essa razão este é o conteúdo o mais comum dos documentos do primeiro período. Apenas outros dois tipos de prova aparecem, ambas com problemas de identificação. Um, denominado "Thorn" – conforme nomenclatura que aparece no



próprio protocolo -, pode ser relativo a alguma problemática da psicologia de Thorndike, e outro cuja natureza ainda não foi possível identificar e explicar.

O primeiro período parece ser o de Piaget cumprindo sua função de padronização do teste de Burt, e fazendo talvez alguma experimentação livre e entrecortado de experimentos com o teste de Binet-Simon. Conforme os dados disponíveis nos protocolos, num primeiro momento Piaget se limitou a executar a aplicação do teste e a anotar as respostas das crianças, alternando entre protocolos bastante detalhados e documentos com menos informações. É provável que a seguinte descrição presente em sua autobiografia (Piaget, 1980/1976) seja relativa aos meses que cobrem este primeiro período:

Desde as primeiras entrevistas, compreendi que, conquanto os testes de Burt tivessem seus méritos de diagnósticos, baseados nos números de sucessos e fracassos, era muito mais interessante tentar descobrir o porquê das falhas (Piaget, 1980/1976, p.135).

As primeiras entrevistas, conforme os dados presentes nos protocolos, não apresentam tais investigações das falhas das crianças no teste, descritas por Piaget em sua autobiografia. A leitura e transcrição de um dos protocolos deste período mostra que Piaget aparentemente manteve-se nas cercanias dos procedimentos determinados pelo instrumento criado no outro lado do Canal. Contudo, é possível que Piaget tenha observado rapidamente tais falhas, e que os protocolos extensamente transcritos encontrados nesta primeira parte sejam uma acumulação de dados para a construção de uma nova abordagem que caracterizará o trabalho piagetiano a partir de outubro de 1920.

O teste de Burt funciona da seguinte forma: diante de uma breve história, é feita uma pergunta sobre a mesma, e a criança deve se posicionar, respondendo-a. Estas histórias apresentam silogismos, ou seja, inquirem à criança uma questão de ordem lógica de uma sorte de temas. Mas o experimentador não deveria manter-se satisfeito apenas com a resposta, fosse ela certa ou errada, mas antes deveria inquirir a criança para saber se suas razões da resposta dada eram adequadas, ou seja, um mecanismo para saber se ela simplesmente não "adivinhou" a resposta. Caso a criança tivesse tentado a sorte no inquérito, mas sem compreender o raciocínio do problema, a questão não era considerada.

As duas informações, ou seja, a prescrição de ouvir da criança as razões de sua resposta e a aplicação correta desta instrução nos protocolos do primeiro período revelam que Piaget ouviu várias explicações da própria sobre o raciocínio sobre o problema proposto. Parece que este é o momento em que aconteceu o que Piaget descreve nas seguintes linhas:



Então ocupei meus pacientes em conversações padronizadas por interrogatórios psiquiátricos, com o objetivo de descobrir algo sobre o processo de raciocínio, subentendido em suas respostas certas e, especialmente, nas erradas. Notei com surpresa que a simples tarefa de raciocinar, envolvendo a inclusão de uma parte no todo ou a coordenação de relações ou a "multiplicação" de classes (encontrar a parte comum a dois todos) apresentava, para crianças normais até a idade de 11 ou 12 anos, dificuldades insuspeitadas pelos adultos (Piaget, 1980/1976, pp. 135-136).

Não parece ser possível saber exatamente quando a intuição descrita na autobiografia aconteceu, e é possível que tenha se passado no período de junho a setembro de 1920, meses que não tem quaisquer protocolos disponíveis, devido à mudança na natureza das perguntas (Ribeiro, 2018). De qualquer forma, Piaget tomou a resposta ao teste não pela resposta em si, mas pelo raciocínio descrito pela criança. Importante frisar também a diferença da visão epistemológica: Piaget deita seu olhar sobre a resposta a partir das premissas da lógica, ou seja, localiza na criança os vestígios da multiplicação de classes, e trabalha com a ideia, baseada no seu mestre Brunshvicg, de desenvolvimento deste tipo de raciocínio. Este ponto não será trabalhado neste artigo.

Em outubro de 1920, Piaget modifica bastante sua metodologia de trabalho. A quantidade de protocolos e provas se multiplica, e é quando Piaget escreve seus três artigos com as primeiras teses próprias em psicologia experimental (Harris, 1997), o paralelismo lógico-psicológico. Trata-se do momento denominado por Ribeiro (2018) de segundo período.

Segundo período: a explosão criativa

Compreendido entre outubro de 1920 e junho de 1921, o segundo período refere-se a atuações de Piaget em duas cidades diferentes: Paris e Genebra. A atuação em Paris se divide em dois locais, o laboratório no colégio da rua la Grange-aux-Belles, como acontecia desde o período anterior, e o hospital psiquiátrico da Salpêtrière. Já em Genebra, os protocolos foram produzidos durante seu treinamento, provavelmente com Alice Descoedres, para assumir a posição de *Chef de Travaux* no Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR). Os protocolos desenvolvidos na Suíça não entram na análise deste trabalho por conta de sua especificidade.

A fase conta com a maior parte dos protocolos disponíveis nos *Archives*, totalizando 102 documentos. Sobre as crianças envolvidas, 91 protocolos



envolvem um sujeito cada, dez protocolos envolvem dois sujeitos, e um protocolo envolve quatro crianças, totalizando 116 sujeitos avaliados. A criança mais nova contava com 3 anos de idade, e o sujeito mais velho, 19 anos, com média de idade de 9,65 anos. Não há informação etária de quatro sujeitos.

Se no período anterior tínhamos apenas três tipos provas, sua variedade aumenta para seis em outubro de 1920, aumentando novamente para 11 novos tipos de provas em abril de 1921. A esta mudança brusca na variedade de provas denominou-se “explosão criativa” (Ribeiro, 2018), pois envolve forte aumento na variedade das técnicas empregadas, bem como um incremento na qualidade das entrevistas. Os temas das provas são, entre outros, causalidade, origem do número, habilidades de natureza verbal e problemas sobre espaço. A maioria das provas empregadas são da pena de outros autores, mas também existem provas e testes provavelmente criados pelo próprio Piaget (Ribeiro, 2018). Entre estes está também diferentes itens e variações do teste de inteligência de Burt, o mais abundante no conjunto, e cuja adaptação e tradução para crianças francesas estava a cargo de Piaget.

A criatividade do período não está relacionada apenas ao uso de novas provas e testes. Outro elemento interessante para compreender os primórdios da criação do método clínico é a transformação dos testes de outros autores, aspecto que aparece tanto nos protocolos analisados quanto em sua primeira publicação em psicologia experimental (Piaget, 1921). Este procedimento de modificação de provas e testes já utilizados em psicologia experimental parece ter um papel muito relevante na composição do método clínico, ao menos neste momento, e será denominado “transformação de prova”.

Um dos primeiros artigos de Piaget com psicologia experimental (Piaget, 1921) é baseado no teste de Burt (1919), já mencionado, e tem por tema o desenvolvimento das formas verbais para se referir à noção de parte na criança. Neste texto, em uma nota de rodapé, o suíço apresenta dessa maneira o método empregado na aplicação do teste e obtenção das respostas. Segue a explicação:

A técnica adotada é, de fato, a seguinte. Eu apresento à criança o teste por escrito; e a faço ler em voz alta e sem pressa, depois a aviso que ela vai encontrar uma pequena pergunta para resolver. Depois de ler e do sujeito ter tido tempo de fazer uma breve retrospectiva, eu releio o papel e peço que repita o que acabou de ser lido, depois uma possível solução para a pergunta, depois de eu ter prometido em momento anterior que devolveria o papel quantas vezes fosse necessário para chegar a uma solução. Então começo de novo, indefinidamente (sempre sem pressa, e essas leituras são feitas em voz baixa); até que o sujeito não encontre nada novo para corrigir ou adicionar. A duração respectiva das leituras, tanto quanto



seu número total depende, portanto, da própria criança (Piaget, 1921, p. 451).

É com base nesta passagem que se faz inferência sobre os conteúdos dos protocolos em que aparecem respostas ao teste de Burt. Além desta descrição, também se considera o teste original (Burt, 1919) para análise. Este é um ponto muito importante, pois a instrução original do teste é não se contentar com a resposta dada pelo sujeito às perguntas acerca dos silogismos, mas sim que se pergunte o porquê da resposta, de modo que o raciocínio coincida com o objetivo do silogismo, como já explicitado. Uma resposta correta sem a demonstração do raciocínio adequado seria considerada como erro do sujeito.

Os dados disponíveis não parecem mostrar integralmente os procedimentos de Piaget na adaptação do teste para o contexto parisiense, pois dos 50 silogismos presentes no trabalho do britânico, Piaget utiliza 13 em seus estudos, alguns com mais de três variações e adaptações. É importante notar que o genebrino é fiel às suas observações e respostas das crianças na confecção de seus textos. Tryphon (2004) analisou comparativamente os manuscritos com as publicações de Piaget e concluiu pela correspondência entre os dados coletados e os que estão publicados em sua obra. É pela mesma conclusão Ratcliff e Morelli (no prelo), que estudaram aspectos da saúde mental nos mesmos protocolos e compararam os desenhos nas publicações com os do protocolo. A comparação destes documentos com o encontrado no artigo sobre a noção de parte (Piaget, 1921) permitiu localizar nove dos sujeitos citados, e em todos os casos foi observada a fidelidade da descrição dos dados na publicação.

Para compreender o artigo de Piaget (1921) com silogismos de Burt (1919) é necessário entender o silogismo mais relevante, seguinte:

Jean disse às suas irmãs: "Uma parte das minhas flores são amarelas". Em seguida ele pergunta para elas qual a cor das flores no buquê. Marie diz: "Todas as flores são amarelas". Simone diz: "Algumas das flores são amarelas". E Rose diz: "Nenhuma das flores é amarela". Quem está certa? (Piaget, 1921, p. 450).

O propósito deste trecho é analisar as operações lógicas de "uma parte" (*une partie de*), e "algumas" (*quelques-unes de*), pois as crianças confundem a expressão "algumas" (*quelques-unes*) com todas as flores no geral, e não dentro do contexto da proposta, que são as flores em um buquê. Assim, para a criança, a resposta de Marie e Simone (todas e algumas) lhe parecem iguais, e mesmo quando a criança menciona as palavras de Simone (*quelques-unes*), elas têm valor idêntico ao de Marie (*toutes*).



Piaget teve interesse neste item em particular, a despeito de outros 49, por conta do cerne de suas preocupações filosóficas até então, notadamente o problema da relação parte e todo. Diz Piaget em sua autobiografia, falando ainda de sua adolescência:

Comecei, subitamente, a compreender que, em todos os estágios (isto é, da célula viva, organismo, espécie, sociedade etc., mas, também com referência aos estados de consciência, conceitos, princípios lógicos etc.), encontra-se o mesmo problema de relacionamento entre as partes e o todo. Assim me convenci de que havia encontrado a solução. Ali, enfim, estava a união íntima com que sonhara entre a Biologia e a Filosofia, um acesso à Epistemologia que me pareceu, então, realmente científico (Piaget, 1980/1976, p. 132).

Neste sentido, o silogismo de Burt deve ter soado como uma provocação, como um convite à investigação. A criança, diante de um problema acerca da noção de parte, desenvolvia diante de Piaget um raciocínio onde explicava como entendia e percebia a questão, de modo tal que se poderia investigar a origem desta noção, seu desenvolvimento, até o estado final da compreensão lógica da parte e todo. Em outras palavras, Piaget ouviu dezenas de explicações de crianças, de diferentes idades, sobre como entendiam a parte e o todo, no caso das flores e do buquê nas mãos de Jean.

O procedimento de tomar um problema do teste de Burt, reeditá-lo e reenquadrá-lo com base em uma nova perspectiva epistemológica é comum para este período, ainda anterior ao método clínico. Parece ser um movimento de Piaget na busca de uma metodologia que fosse adequada para seus objetivos de pesquisa, tarefa que se empenhava desde Zurique. No caso deste item em específico, Piaget preferiu procurar evidências da multiplicação lógica e compreender, numa escala progressiva, como a criança desenvolvia este aspecto de seu pensamento. Piaget utiliza-se deste expediente em outras ocasiões, tanto nos protocolos de pesquisa como nos artigos do período, o que foi denominado aqui por "transformação de prova".

Contudo, ainda que o teste de Burt tenha servido de porta de entrada para novas perspectivas e procedimentos de análise, inquérito e investigação por conta do procedimento de exposição do pensamento infantil diante do problema, Piaget se diz tributário também da metodologia psiquiátrica de investigação, hipótese que será retomada mais adiante.

Assim, um fator importante para essa forte renovação no trabalho do iniciante Piaget e suas transformações de prova é aquele que empreendeu na Salpêtrière, com o que ele denominou "crianças anormais". Este é um espaço onde Piaget



tomou contato com inúmeras técnicas de avaliação e diagnóstico vindos da psiquiatria, além de receber supervisão, o que não acontecia no laboratório do colégio.

Sobre esta parte existe um conjunto bastante rico de 15 protocolos produzidos na célebre instituição. Kesselring (1993) afirma que neste hospital, Piaget utilizou de questões por ele mesmo elaboradas. Piaget (1980/1976) faz uma descrição um pouco diferente, afirmando que ali utilizou “métodos de manipulação direta” e de “conversação” (p. 136) na avaliação do problema do número – ele teria conservado a investigação do raciocínio verbal para as crianças do laboratório em “Paris X”.

Qual seria esse método de manipulação direta e conversação utilizado em Salpêtrière? Para tentar responder a estas questões, tomemos um exemplo encontrado num protocolo transcrito, de uma prova classificada por *Marchand* (Binet e Simon, 1907) Trata-se de um trecho de um protocolo datado de 26 de outubro de 1920, feito com um adolescente que contava então com 15 anos, na Salpêtrière. Ele começa com o sujeito mostrando que sabe contar até 15, com a expressão “Conta até 15”, presente no documento. Em sequência, Piaget inicia uma série de questionamentos utilizando grãos – cuja natureza exata não foi possível identificar, mas devem ser sementes de algum tipo – e *sous* – provavelmente moedas ou outro tipo de peça que serviu de moeda. Eis a transcrição de um primeiro trecho do documento 20_DFP_A-2-1.6220, já traduzido e adaptado:

Grãos até 3 moedas. Eu dou 4 grãos. Ele paga cada vez
Quantos grãos? 4. Quantas moedas? ...
id. Eu dou 2 grãos. Quantos grãos? 2 Quantas moedas? 4
id. Eu dou 1 grãos. Quantos grãos? 1 Quantas moedas? 3
id. Eu dou 2 grãos. Quantos grãos? 2 Quantas moedas? 4
Coloque 3 moedas lá (i.). Novamente (i.). Quantas moedas você tem a menos? 4, 5, 4
Conte. 6 id. Quanto? 4 Quanto? 5

Considerando que o documento é apenas uma anotação de uma situação concreta de aplicação de uma prova, aparentemente ela consiste em fazer um jogo para estabelecer relações na quantidade de grãos e moedas, utilizando contagem, que é a prova do *Marchand*. As perguntas aparecem grifadas da mesma forma que no original.

Piaget inicialmente se certifica de que o adolescente sabe contar até o número que pretende utilizar – uma verificação importante, dado o contexto da situação, ou seja, um hospital para “crianças anormais”. Em sequência, observa se o sujeito



consegue contar os materiais que está utilizando. Após ter estabelecido um valor para os grãos – o que não é tão explícito no protocolo, mas é de razoável suposição – Piaget faz o mesmo teste três vezes em sequência neste mesmo protocolo. Nas últimas duas linhas, Piaget passa a fazer diferentes divisões das moedas, possivelmente formando grupos e pedindo para a criança contar e estabelecer relações de operações matemáticas – mais, menos e total.

O trecho sugere uma interação de Piaget com uma criança, e é amostra de muitos outros protocolos que apontam na mesma direção. O método tem natureza clínica, ou seja, Piaget quer saber como a criança conta, como ela faz a relação com os valores atribuídos aos objetos, e neste sentido possui um jogo, e não instruções prévias que devem ser seguidas e anotadas como certo ou errado.

A proximidade com o método clínico mais maduro, já de fases posteriores, é aqui também notável. Ainda que nada sugira que ele tenha inventado esta prova em particular – muito pelo contrário – a novidade está no uso de materiais concretos manipulados diretamente por Piaget e pela criança, e o empreendimento de perguntas que não parecem estar padronizados, o que deve ser a conversação descrita acima. Assim, ao contrário do que se observou no período Burt, nesta prova os problemas propostos dependem das respostas do adolescente, então o experimento na verdade se assemelha mais a um diálogo.

Além da mudança temática em relação ao teste de Burt, saindo de um raciocínio verbal para o número manipulado concretamente, a novidade é a forma de fazer as perguntas. Piaget modifica as provas grandemente, propõe várias vezes variações do mesmo problema, inverte ordens, altera ordens, retorna a momentos anteriores, sempre buscando o modo como a criança raciocina. A novidade deste segundo período é este processo de manipulação das provas, aliado a uma inquisição sobre o conteúdo, de um modo bem mais rico do que o sugerido por Burt, que estava interessado na resposta certa, enquanto Piaget, no modo de elaboração da resposta. No caso das crianças e adolescentes da Salpêtrière, o tema era o número, mas com as crianças de *la Grange-aux-Belles*, pensando no raciocínio verbal, o procedimento é semelhante.

Mas, retornando ao método empregado na Salpêtrière, e que também parece semelhante, em outro nível, nos seus dias no laboratório de Binet, de onde vem estes “métodos de manipulação direta” e de “conversação”, citados em sua biografia e que modificam tanto sua abordagem metodológica? São estes métodos que permitem atuação experimental na análise das relações parte-todo, além dos problemas da lógica francesa, já citados, em um modelo experimental que Piaget considerou adequado (Piaget, 1980/1976).



Kesselring (1993) afirma que esta proposta de trabalho vem do estudo dos atos falhos da psicanálise, mas aplicados ao raciocínio infantil. Apesar de não ser nada absurda, rejeitamos esta interpretação para propormos três outras possibilidades. A primeira é o contato de Piaget com o método psiquiátrico na prática, que Piaget estudara com Georges Dumas em Paris, e que coincide com o início da “explosão criativa”, mesmo mês que o suíço iniciou seus estudos em um hospital psiquiátrico. Trata-se de uma hipótese pouco trabalhada na literatura, principalmente quando se toma por princípio que a psiquiatria não era – como parece ainda não ser – uma ciência unificada com um corpo de proposições e princípios únicos.

A psiquiatria francófona, dominante no século XIX, e até antes, por conta de figuras como Pinel e Charcot, na passagem do século XIX para XX conheceu a emergência de uma psiquiatria germânica, com destaque para Emil Kraepelin, trazia um novo modelo para esta ciência, que convivia com uma diversidade de metodologias. Seu período em Zurique colocou Piaget em contato tanto com este modelo alemão, principalmente por meio de Bleuler, mas sua estadia em Paris o colocou em contato com a versão francesa, que estudou por mais tempo. O mais provável é que Piaget se interessasse mais pela psiquiatria francesa, já que os dados indicam que a explosão criativa (Ribeiro, 2018) aconteceu também na Salpêtrière. É da psiquiatria francesa que se fala.

Nos anos 1920, ao menos quatro vezes Piaget se reconhece tributário quanto ao método psiquiátrico. Em artigo de 1922 escrito junto de Rosselò, Piaget admite que o método clínico psiquiátrico permite encontrar certas características específicas do pensamento (Piaget & Rosselò, 1922). Já no ano seguinte (Piaget, 1923), Piaget diz que o “exame clínico” utilizado pelos psiquiatras, onde se deixa a criança falar livremente mesmo diante de um breve questionário previamente preparado e base para os meios psiquiátricos de diagnóstico, é uma inspiração importante. Entre 1925 e 1926, Piaget menciona mais uma vez o método da psiquiatria, que teria a vantagem de permitir a união da pura observação com as vantagens da experimentação. Importa ressaltar a introdução de “A representação do mundo na criança”, único texto piagetiano sobre seu método, onde ele diz:

Empregaremos para isso [superar as desvantagens da observação pura] um terceiro método, que pretende reunir os recursos do teste e os da observação direta, evitando ao mesmo tempo seus respectivos inconvenientes: trata-se do método do exame clínico, que os psiquiatras empregam como meio de diagnóstico. [...] o exame clínico participa da experiência no sentido de que o clínico formula problemas, elabora hipóteses, promove variações nas condições envolvidas e, por fim, controla cada uma de suas



hipóteses no contato com as reações provocadas pela conversa (Piaget, 2005/1926, p. 14).

Fica clara a importância dada por Piaget para a psiquiatria: ela parece estar no cerne de seu método, e isso pode ter ficado muito mais claro quando, depois de ter estudado o assunto teoricamente, pôde entrevistar crianças e adolescentes num hospital psiquiátrico, possivelmente durante treinamento. Se a observação pura não trazia os resultados esperados – além de ser muito exigente e demorada –, ao mesmo tempo que a experimentação em psicologia aprendida em Zurique não tocava o que realmente importava para Piaget, o exame clínico psiquiátrico trazia um meio termo que permitia a Piaget conduzir um experimento/observação em direção aos problemas do raciocínio verbal e do número de forma ao mesmo tempo livre e rigorosa, sem o autismo da psicanálise. A confirmação desta hipótese precisa envolver estudos sobre a história dos métodos psiquiátricos.

A segunda possibilidade do surgimento dessa nova metodologia vem de seu treinamento em zoologia. Piaget tinha finalizado no ano anterior (1919) sua tese em malacologia, inclusive passando alguns meses entre sua estadia em Zurique e Paris no cantão de Valais estudando tais moluscos (Piaget, 1980/1976). A importância da biologia para a obra piagetiana é amplamente reconhecida, inclusive pelo próprio, com alguns pesquisadores afirmando que suas ideias nada mais são do que uma psicologia biológica (Buscaglia, 1985). Ademais, entre 1907 e 1930 Piaget publicou 39 trabalhos na área de seu doutoramento, indício de que jamais parou de pensar como biólogo, além da obra *Biologia e Conhecimento*, de 1967 (Piaget, 1973/1967).

Mas em relação ao método biológico e clínico? Voltando-se para o momento em que os dados foram produzidos, Piaget, e sua obra biológica, ele estava focado na “observação sistemática”, desde pelo menos 1913, quando observa o comportamento de moluscos em diferentes ambientes conforme um modelo de experimentação específico (Elefant-Yanni, 1998). Este modelo envolve a observação o desenvolvimento da forma e da estrutura destas pequenas criaturas quando colocadas em diferentes ambientes, ou seja, envolve a observação do desenvolvimento sem fazer interferências, mas mesmo assim de forma experimental por variar proposital e sistematicamente o ambiente dos moluscos. Por fim, Piaget organiza os dados de forma sistemática, utilizando o método de Lipps ainda em 1919 (Piaget, 1980/1976), mas outros métodos antes e depois disso (Buscaglia, 1985).

A proposta é que Piaget já não se valia de pura observação mesmo quando biólogo trabalhando com moluscos, mas sim fazia certas interferências



sistemáticas e bastante controladas para observar a forma que os moluscos tomariam de acordo com as mudanças ambientais que propunha. Tendo em vista que, para Piaget, a inteligência é um caso especial de adaptação, a hipótese é que essa sistemática da biologia tenha se estendido e ampliado bastante dado o aumento da complexidade de seu novo objeto na psicologia, o que exigiria mais intervenções, como os da “conversação” e “manipulação direta”. Colocando de outra forma, o pensamento piagetiano treinado neste método importado da zoologia, que envolve mudar o ambiente para observar o desenvolvimento das funções dos seres vivos, encontra-se em analogia com o seu método deste período, que envolve modificação constante das perguntas e dos problemas para observar o modo como a inteligência se adapta às propostas. Mas tal proposta pode ser apenas um atalho analógico, conforme o conceito de Ratclif (2018), ou seja, entender que a mera semelhança sucessão temporal de eventos ou acontecimentos históricos é suficiente para afirmar sua filiação. São necessárias verificações mais detalhadas para sustentar as afirmações.

A terceira hipótese é o aprendizado de Piaget sobre Binet. Esta não é uma proposta original, já foi aventada por Bergin e Cizek (2002) e, de modo um pouco diferente, por Ouvrier-Bonnaz (2011). Tendo em vista que Piaget trabalhou no laboratório criado pelo próprio Binet e então dirigido pelo mais próximo colaborador de Binet, Théodore Simon, além das indicações sobre o movimento de avaliação psicológica francesa feitas por Pfister que o motivaram a sair de Zurique, como já apontado anteriormente, é quase certo que Piaget conhecia ao menos em parte a metodologia da psicologia de Binet, que também aparece em alguns dos protocolos.

Ao contrário do que normalmente se divulga, a obra de Binet vai muito além da famosa escala. O francês publica a primeira versão de seu teste apenas em 1905, ou seja, apenas seis anos antes de sua morte. Trata-se de um trabalho extraordinário, decisivo para a avaliação psicológica no mundo todo, e base para o que pode ser o teste psicológico mais aplicado da história, o Stanford-Binet. Mas antes disso tudo, Binet se dedicou bastante ao que denominou “psicologia diferencial” (Silva, 2011, Zazzo, 2010) e conduziu experimentos em casa, com suas duas filhas, semelhante ao que faria Piaget nos anos 1930.

Nestas experimentações, Binet estava ainda muito longe da técnica estatística de medição que o consagraria mundialmente. Ele estava interessado não apenas na inteligência, mas também na sensação, na percepção, na capacidade analítica e outras habilidades do que denominava “funções superiores” com metodologias que denominaríamos hoje por qualitativas.



Silva (2011) afirma que Binet, após anos de experimentação com suas filhas, deixou de acreditar nas metodologias clássicas da psicologia experimental, vindas de Wundt e Fechner, para utilizar em seu lugar um modelo analítico de como as suas filhas chegavam nestas respostas. Vejamos um trecho daquele que se considera a obra que resume esta fase experimental:

O estudo experimental do raciocínio, como os outros estudos anteriores, empresta métodos de experimentos clássicos sobre a fisiologia dos sentidos; é a atitude do sujeito que faz a única diferença; em vez de pedir-lhe uma breve resposta sobre a sensação que sente, pedimos uma explicação minuciosa da excitação que serve para provocar essa sensação (Binet, 1903, p. 7).

É notável a semelhança desta passagem de Binet com o seguinte trecho da autobiografia de Piaget (1980/1976), já citado: “Desde as primeiras entrevistas, compreendi que, conquanto os testes de Burt tivessem seus méritos de diagnósticos, baseados nos números de sucessos e fracassos, era muito mais interessante tentar descobrir o porquê das falhas. ” (p. 135). Assim, é plausível propor a hipótese de que a investigação dos porquês das respostas das crianças seja uma ideia que Piaget obteve por meio de Binet, ainda que indiretamente ou mesmo como resultado do ambiente cultural de pesquisa que escolhera.

É no mesmo artigo escrito em conjunto de Rosselò (Piaget & Rosselò, 1922) que Piaget utiliza a técnica de Binet para descrição de imagem, um método proposto por Binet (1903) exatamente na obra em que o francês questiona os métodos clássicos e aposta na análise de habilidades verbais para entendimento das funções mentais mais complexas por meio do questionamento dos porquês das respostas. No artigo de Piaget e Rosselò (1922), os autores propõem uma tipologia dos modos de descrição de imagem, sempre em comparação ao trabalho original de Binet (1903), não sem também criticá-lo, mas também o correlacionando com sua própria interpretação e concluindo pela impossibilidade de utilização do mecanismo de Binet como método de avaliação confiável. Neste momento o método clínico ainda não existia, mas estava em franco desenvolvimento.

Por fim, Piaget reconhece ser tributário de Binet em sua classificação das falas da criança descrita na introdução ao A Representação do Mundo na Criança (Piaget, 2005/1926). Todas estas informações indicam que Piaget não apenas conheceu as publicações e as técnicas de Binet deste período experimental qualitativo, como as considerou a ponto de utilizá-las em experimento e publicar trabalhos.



Estas são as três hipóteses consideradas mais plausíveis e sólidas na busca de encontrar as origens da composição do método clínico, mas existem outras. Ratcliff e Morelli (no prelo) recolhem apontamentos de outros autores sobre tais origens e bases. Mays (1984), Amann-Gainotti e Ducret (1991), Vidal (1986) e outros afirmam a relevância, em diferentes medidas, da psicanálise para o método clínico e para a teoria piagetiana, ainda que Piaget tenha se afastado dos conceitos psicanalíticos (Harris, 1997), e a psicanálise não apareça nas elaborações encontradas nas fontes primárias no período de Piaget em Paris (Ribeiro, 2018), que seriam contextualmente e temporalmente muito mais próximas do que sua obra mais madura.

Já Rijsman (1996) vaticina que Bleuler foi o mestre de Piaget na entrevista com a criança, mas os dados encontrados em Genebra permitem contestar integralmente esta proposta. Em alguns conceitos teóricos, Piaget também é tributário de Janet, conforme afirmam Amann-Gainotti e Ducret (1991), o que pode ter influenciado, em alguma medida, o modo como Piaget conduziu algumas entrevistas.

Na pista da origem do método clínico, o entrecruzamento das diferentes fontes, seja biográfica, autobiográfica, bibliográfica e de fontes primárias não permitiu determinar uma teoria, ou mesmo ideia ou acontecimento determinante para que Piaget pudesse desenvolver seu método. Da mesma forma que a psicanálise, Bleuler e Janet, que não parecem assim tão relevantes, o método psiquiátrico, a metodologia de Binet ou o encontro de Piaget com o teste de Burt, também não são capazes de explicar o surgimento do método clínico. Assim, após longa análise e descrição, sobra a pergunta, afinal, para onde conduzem as pistas históricas que seguimos até aqui? E mais essencialmente, o problema central do presente trabalho: qual a fonte do método clínico? Os fios tomados nesta teia, indicam que a resposta precisa ser buscada no próprio Piaget, ou seja, na dialética. É sobre este assunto a próxima e última seção.

Considerações finais

A construção de uma narrativa histórica construída com um objetivo específico, como é o caso deste trabalho, pode levar o historiador a rastrear nos registros disponíveis apenas evidências que permitam construir um encadeamento de causalidades ou uma rede de relações que corrobore a tese que subjaz ao objetivo inicial. Tal abordagem é um procedimento pouco científico, pois uma pesquisa científica se fundamenta na coleta rigorosa de dados e sua análise, para a partir destes elementos tomar conclusões, apresentando no relato de pesquisa



todos os dados coletados, para serem confrontados com outras pesquisas. Uma narrativa histórica seletiva corre muito pouco risco (Latour, 2008), promovendo o apagamento de toda evidência em contrário.

Desta forma, para tentar contornar este problema, neste trabalho foram consideradas muitas possibilidades simultaneamente, de modo que uma rede a mais completa possível de referências foi apresentada, partindo desde a adolescência de Piaget, passando por sua biografia, comentadores, bibliografia e fontes, incluindo aí as discordâncias e pontos mais polêmicos. Contudo, na concepção do trabalho, o objetivo da pesquisa baseava-se em uma hipótese que não era autoevidente: a existência de uma influência decisiva na construção do método clínico, como se fosse possível rastrear seus primórdios desde uma ou duas fontes essenciais, num encadeamento lógico que conduziria a história de uma teoria ou técnica a outra, até seu desenlace da metodologia piagetiana. Mas tais fontes essenciais e decisivas, tais motores iniciais não existem, de modo que a constituição do método clínico se daria de uma outra forma.

Retomando as origens do método clínico piagetiano, o que o genebrino fez na época objeto da análise deste trabalho é semelhante, em analogia, a uma teoria que propôs já no fim de sua vida. Rolando Garcia (2002) delimita duas teorias da equilíbrio na obra piagetiana. A primeira "resultante de um jogo de regulações, [...] como compensações parciais que têm por efeito moderar as transformações, por retroação ou antecipação" (Garcia, 2002, p.91) e uma segunda, que deveria "considerar o papel que desempenham os conteúdos e as relações causais no desenvolvimento das estruturas" (Garcia, 2002, p. 95).

Piaget parece, ele mesmo, operar como descreve em sua teoria da equilíbrio: assimilar teorias e ideias para acomodá-las em um novo formato mais equilibrado. Assim, Piaget assimilou as versões das psicologias que aprendeu para acomodá-las em novas elaborações metodológicas e teóricas progressivamente diferentes das primeiras, elaboração complexa que impede reduzir a origem do método clínico a dois ou três elementos, mas num processo que envolvia a assimilação e a acomodação de muitos outros.

Castorina e Baquero (2009) consideram o processo intelectual de Piaget como um processo dialético. Em *Psicogênese e História da Ciência* (Piaget & Garcia, 1987/1983), Piaget e Garcia desenvolvem a ideia de que as ciências caminham dialeticamente em direção à objetividade, baseadas na ação experimental dos cientistas, na formulação de conceitos, no desequilíbrio trazido pelos novos dados experimentais e, por fim, na reformulação, a síntese dos conceitos anteriores na direção da objetividade científica. Conforme Castorina e Baquero (2009), Piaget viu sua própria teoria como uma síntese das teorias anteriores da psicologia, e



entendeu que utilizou a dialética em sua obra de forma espontânea, essa dialética empregada para explicar as ciências e explicaria a própria epistemologia genética. Não só isso, no método clínico-crítico, o diálogo mantido com a criança seria de natureza dialética (Castorina & Baquero, 2009), em outras palavras, esta dialética explica tanto a entrevista como a composição da teoria.

O problema é que, no período estudado de origem do método clínico, num recorte que vai até 1921, o modo de apropriação e síntese dialética da metodologia piagetiana obedecia a uma “metáfora do desenvolvimento da lógica natural como hierarquia escalonada de sistemas estruturais” (Castorina & Baquero, 2009, p. 41), que mostrava “comportamentos cognoscivos como derivados linearmente daqueles sistemas” (idem). Assim, o emprego dele mesmo pela dialética no seu desenvolvimento de pesquisador da epistemologia não se verificou na sua teoria, pois o levou a ler seus dados como passagens de um estado a outro como um equilíbrio lógico, e não como um processo construtivo, atenuando a dialética como gênese de estrutura, eliminando as condições de produção. Neste sentido, arrisca-se a dizer que possivelmente a obra piagetiana seja uma progressão dialética de seu próprio modo de produzir, uma espécie de autobiografia intelectual empírica e experimental.

A apropriação sucessiva de técnicas, como a psicanálise, a entrevista psiquiátrica, a entrevista de Burt, a entrevista de Binet e as técnicas da biologia foi possível graças à habilidade de Piaget de converter *tests*, que viria a criticar mais tardiamente, em *épreuves*, transformando-os conforme um conteúdo prévio – a lógica natural, inicialmente – numa possibilidade de jogos de relações que revelassem o conteúdo do pensamento infantil. Em outras palavras, finalizando, o pensamento piagetiano sofreu assimilações de ideias e técnicas, de modo que Piaget os convergiu na ocasião da acomodação.

Referências

- Amann-Gainotti, M. & Ducret, J. J. (1991). Jean Piaget et la psychanalyse: les étapes d’une réflexion. *Neuropsychiatrie de l’Enfance*, 39(2-3), 83-90.
- Bergin, D. A. & Cizek, G. J. (2002). Alfred Binet 1857-1911. Em D. E. Cooper, J. A. P. Cooper & L. Bresler. *Fifty major thinkers on education: From Confucius to Dewey* (pp.175-179). Londres: Routledge.
- Binet, A. (1903). *L’étude expérimentale de l’intelligence*. Paris: A. Costes.
- Binet, A. & Simon, T. (1907). Le développement de l’intelligence chez les enfants. *L’Année Psychologique*, 14, 1-94. Recuperado em 15 de abril de 2018, de http://www.persee.fr/doc/psy_0003-5033_1907_num_14_1_3737



- Burt, C. (1919). The development of reasoning in school children. *J. Exp. Pedagog.*, 5(36), 8-71.
- Buscaglia, M. (1985). La Biologie de Jean Piaget: (1896-1980) – Cohérence et Marginalité. *Synthese*, 65, 99-120.
- Carroy, J. (2013). Alfred Binet visto desde Francia em la primera mitad del siglo XX. *Revista de Historia de la Psicología*, 34(1), 25-38.
- Castorina, J. A. & Baquero, R. (2009). *Dialética e psicologia do desenvolvimento: o pensamento de Piaget e Vygotsky*. Porto Alegre: Artmed.
- Castro, A. C., Castro, A. G., Josephson, S. C. & Jacó-Vilela, A. M. (2013). Medir, classificar e diferenciar. Em A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira & F. T. Portugal. *História da psicologia: rumos e percursos* (3ª ed. rev e ampl) (pp. 301-326). Rio de Janeiro: Nau.
- Chartier, P. (2018). Qu'est-ce qu'un outil de mesure standardisé (tests et questionnaires)? Éléments de psychométrie. Em P. Chartier. *L'évaluation en psychologie: tests et questionnaires*. Paris: Éditions in Press.
- Delval, J. (2002). *Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças*. Porto Alegre: Artmed.
- Ducret, J. J. (1990). *Jean Piaget: Biographie et parcours intellectuel*. Paris: Delachaux & Niestlé.
- Ducret, J. J. (2010). Jean Piaget : un parcours à travers l'oeuvre. Em A. Gainotti, J. J. Ducret. *Jean Piaget : psicologo epistemologo svizzero all'avanguardia* (pp. 23-41). Roma: Atti delle Giornate di Studio Istituto Svizzero di Roma.
- Elefant-Yanni, V. R. (1998). *Les bases biologiques de la pensée de Piaget*. Dissertação de Mestrado, Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Éducation, Université de Genève, Genebra.
- Garcia, R. (2002). *O conhecimento em construção: das formulações de Jean Piaget à teoria de sistemas complexos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Harris, P. (1997). Piaget in Paris: from 'autistic' to logic. *Human development*, 40, 109-123.
- Kesselring, T. (1993). *Jean Piaget*. Petrópolis: Vozes.
- Latour, B. (2008). Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. Em J. Nunes & R. Roque (Orgs). *Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência* (pp. 40-61). Porto: Afrontamento.



- Mays, W. (1984). Piaget and Freud: Two Approaches to the Unconscious. Em K. K. Cho (Ed.). *Philosophy and Science in Phenomenological Perspective* (pp. 123–141). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Ouvrier-Bonnaz, R. (2011). Le laboratoire de pédagogie expérimentale de la Grange-aux-Belless. *Recherches & Éducatons [en ligne]*, 5, 131-147. Recuperado em 19 de janeiro, 2018, de <http://rechercheseducations.revues.org/827>
- Parrat-Dayan, S. (2008). O texto e suas vozes: Piaget lido por seus pares no meio psicológico dos anos 1920-1930. *Schème: revista eletrônica de psicologia e epistemologia genéticas*, 1(1), 153-184. (Originalmente publicado em 1993). Recuperado em 1 de abril, 2017, de <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Scheme/Vol01Num01-Traducao.pdf>
- Piaget, J. (1918). *Recherche*. Lausanne: La Concorde.
- Piaget, J. (1921). Essai sur quelques aspects du développement de la notion de partie chez l'enfant. *Journal de psychologie normale et pathologique*, 18(6), 449-480.
- Piaget, J. (1923). La pensée symbolique et la pensée de l'enfant. *Archives de psychologie*, 18(72), 273-304.
- Piaget, J. (1989). *A linguagem e o pensamento da criança* (M. Campos, Trad.). (5ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1923).
- Piaget, J. (2005). *A representação do mundo na criança: com o concurso de onze colaboradores* (A. U. Sobral, Trad.). Aparecida, SP: Ideias & Letras. (Original publicado em 1926).
- Piaget, J. (1973). *Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos* (F. M. Guimarães, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1967).
- Piaget, J. (1980) Jean Piaget, uma autobiografia. Em R. Evans. *Jean Piaget: o homem e suas ideias* (pp. 123-184) (A. Oiticica, Trad.). Rio de Janeiro: Forense-Universitária. (Original publicado em 1976).
- Piaget, J. & Garcia, R. (1987). *Psicogênese e história das ciências* (G. Untti, Trad.). Lisboa: Dom Quixote. (Original publicado em 1983).
- Piaget, J. & Rosselò, P. (1922). Note sur les types de description d'images chez l'enfant. *Journal de Psychologie*, 18, 208–234.



- Poirier, J., Clarac, F., Barbara, J. G. & Brousselle, E. (2012). Figures and institutions of neurological sciences in Paris from 1800 to 1950. Part IV: psychiatry and psychology. *Revue Neurologique*, 168, 389-402.
- Ratcliff, M. J. (2018). Atalho analógico e reconstrução micro-histórica: as origens do laboratório de psicologia experimental de Genebra em 1892. *Mnemosine*, 14(1), 246-273.
- Ratcliff, M. J. & Burman, J. T. (2015). Du geste archivistique à le geste de l'historien: comment une politique d'archivage proxémique permet de rassembler une inédit disséminé. Em J. F. Bert, M. J. Ratcliff. *Frontière d'archives: recherches, mémoires, savoirs* (pp. 131-145). Paris: Éditions des Archives Contemporaines.
- Ratcliff, M. J. & Morelli, A. E. (no prelo). *De la clinique à la méthode: le normal et le pathologique chez Jean Piaget (1920-1927)*.
- Ribaupierre, A. & Pascual-Leone, J. (1984). Pour une intégration des méthodes en psychologie: approches expérimentale, psycho-génétique et différentielle. *L'Année Psychologique*, 84(2), 227-250. Recuperado em 01 de agosto, 2019, de <http://archive-ouverte.unige.ch/unige:16983>
- Ribeiro, A. E. M. (2018). *Princípios do Método Clínico de Jean Piaget: uma análise dos protocolos de pesquisa entre 1920 e 1922*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, SP.
- Rijsman, J. (1996). An intellectual and technological panorama of Piaget's world. Em A. N. Perret-Clermont & J. M. Barrelet (Orgs). *Jean Piaget and Neuchâtel: the learner and the scholar* (pp.119-136). Lausanne: Éditions Payot.
- Silva, M. C. de V. M. (2011). *História dos testes psicológicos: origens e transformações*. São Paulo: Vetor.
- Tryphon, A. (2004). De l'expérience à la publication: le cas de Piaget. *Bulletin de Psychologie*, 57(6), 595-610.
- Vasconcellos, M. S. (Org). (2001). *Criatividade: Psicologia, educação e conhecimento do novo*. São Paulo: Moderna.
- Vidal, F. (1986). Piaget et la psychanalyse: premières recontres. *Le Bloc-notes de la Psychanalyse*, 6, 171-189.
- Wreschner, A. (1912). *Die Sprache des Kindes*. Zúrique: Orell Füssli.



Zazzo, R. (2010). Alfred Binet. Em R. Zazzo. *Alfred Binet* (C. S. M. de Almeida, Trad.) (pp. 11-28). Recife: Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.

Nota sobre os autores

André Elias Morelli Ribeiro é psicólogo. Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho – Campus Assis. Docente na Universidade Federal Fluminense, em Rio das Ostras. E-mail: andre.elias.morelli@gmail.com

Leonardo Lemos de Souza é psicólogo. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Docente na Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho – Campus Assis. E-mail: leonardo.lemos@unesp.br

Data de recebimento: 14 de outubro 2019

Data de aceite: 10 de outubro de 2020